

QUATRO RECANtos MISERÁVEIS

Setor de clubes sul

Escondida no interior do cer- rado que circunda o Setor de Clubes Sul, próximo ao Campo Escola dos Escoteiros, existe uma cidade sem nome. Erguida em meio a montanhas de detri- tos, que reúnem de comida podre e animais mortos a dejetos humanos, conta com cerca de 150 barracos feitos de papelão e pedaços de madeirite. Nos abri- gos improvisados, vivem quase 600 pessoas, todos invasores da área.

Com estreitas ruas de terra, traçadas pelos passos dos moradores entre o mato alto e seco, a invasão tem como meio de transporte velhas carroças. Tô- das foram adquiridas com o di- nheiro ganho pelo trabalho co-letivo da comunidade. Os inva- sores são catadores de lixo. Ga- nham em média R\$ 50 por se- mana.

Para conseguir este orçamen- to, passam o dia inteiro debru- çados sobre latas e depósitos cheios de moscas, de várias qua- dras da Asa Sul. Separam a parte mais importante do lixo, folhas de papel e jornais, e levam nas carroças até a invasão. Para si, reservam pedaços de papelão,



Maria das Graças: "O clube deu o terreno pra gente construir casa"

utilizado normalmente no repa- ro da parede de algum barraco. O restante é vendido às fábricas de recicláveis.

Maria da Solidade Pereira Bento é uma das invasoras. Com a filha Jaqueline agarrada à cintura, enquanto cozinha uma panela de arroz no pequeno fo- gão à lenha, não sabe dizer se tem 23 ou 24 anos. "Perdi minha certidão de nascimento na mudança", justifica. A mudança de que fala aconteceu há quase cinco anos, quando ela e o ma- rido saíram do município de Irecê (BA) para tentar a sorte em Brasília. A decisão foi tomada após um período de três meses de fome. "Em Brasília isso não acontece. A cidade é muito rica", afirma.

Iate clube

Em frente ao Iate Clube, no iní- cíio do Setor de Clubes Norte, crianças magrelas e de barriga inchada brincam sobre um de- pósito de lixo. Quase sempre vi- vem sujas e sem roupa. Mesmo assim, segundo Maria Madalena da Silva, 61 anos, doenças não são freqüentes. "De vez em quando, aparece uma gripe, pio- lhos ou bichinhos de porco", afirma. Neste caso, o jeito é co- locar a meninada na carroça e levar até o Hospital Regional da Asa Norte (Hran), o mais próxi- mo da invasão.

Madalena vive no local há quase 10 anos. Avó de 53 netos

e 3 bisnetos, ela mostra os pou- cos móveis que tem em seu bar- raco. Um fogão a gás, uma ca- ma quebrada, sustentada por tijolos, um rádio de pilha e al- gumas roupas. O alimento é comprado no comércio da Asa Norte e as roupas lavadas no la- go Paranoá, a menos de 500 me- tros da invasão.

Neste aglomerado, onde exis- tem 22 barracos e quase 80 pes- soas, os invasores também são catadores de lixo. Um pouco mais organizados que os do Se- tor de Clubes Sul, fundaram há quase cinco meses a Associação dos Catadores de Papel. Agora, esperam conseguir do governo uma nova área para trabalhar. "Não somos bandidos nem mendigos. Somos apenas tra- balhadores que vivem da coleta de lixo. Tenho orgulho do meu trabalho", afirma o invasor Ed- milson Alves da Silva, 33.

Minas tênis clube

Ao lado do Minas Tênis Clube há uma favela dirente. Os barra- cos, embora em sua maioria de papelão ou madeirite, se juntam a alguns de alvenaria. Há casos até de barraco com garagem e automóvel dentro.

Os moradores asseguram que a área não é irregular. "Estamos aqui porque o clube deu o ter- reno para a gente", justifica Maria das Graças Soares Ribeiro, 35 anos. Mas a placa do Instituto de Desenvolvimento Habitacio-

nal (Idhab), fixada em todos os barracos, é clara: "Imóvel iden- tificado para estudo".

Segundo ela, a maioria dos chefes das quase 20 famílias que vivem no local, trabalha no Mi- nes Clube. Maria vive na área há quase 10 anos. Foi lá onde viu nascer as duas filhas, a mais ve- lha com 10 anos. "Já ameaçaram derrubar os barracos, há dois anos, mas não podem tirar o que é da gente", afirma.

Carrefour norte

Ainda na Asa Norte, outra in- vasão cresce. Os primeiros inva- sores começaram a aparecer na área em frenete ao Carrefour Norte há pelo menos cinco anos. Hoje vivem ali 131 pessoas, em 38 barracos. O mau cheiro e a sujeira contrastam com a beleza da vegetação nativa.

Os membros das famílias le- vantam seus barracos próximos às casas dos parentes. Formam um núcleo, onde não entram es- tranhos. Cada família demarca seu território e quem chega de- pois precisa procurar outro es- paço. Por esse motivo, apesar da invasão não ser das numerosas no Plano Piloto, é uma das que mais área ocupa, gerando mu- totos prejuízos para o meio am- biente.

É em um desses núcleos fami- liares — uma divisão parecida com a de bairros em uma cidade — que vive Cícero Sousa, 34 anos, que há quatro invadiu a área. Antes de morar ali, por um ano viveu em outra invasão em Taguatinga. Na época, seu bar- raco foi derrubado e Cícero vol- tou ao Ceará, com a passagem que o governo lhe pagou. Vol- tou, mas não ficou. Regressou a Brasília três meses depois e instalou-se com a família, que in- clui filhos, tios e até avós, na inva- são onde vive atualmente. "Este tempo todo estou es- perando o lote que o governo pro- meteu. Se me tirarem daqui e não receber meu terreno, inva- do de novo, porque para o Ceará não volto", diz o vendedor de la- tas, que ganha em média R\$ 150 por mês.